

MARY SHELLEY

Frankenstein ou
O Prometeu moderno

Tradução de
CHRISTIAN SCHWARTZ

Introdução e notas de
MAURICE HINDLE

Posfácio de
RUY CASTRO

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Frankenstein, or, The Modern Prometheus

PREPARAÇÃO

Ciça Caropreso

REVISÃO

Thaís Totino Richter

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shelley, Mary, 1797-1851.

Frankenstein ou O Prometeu moderno / Mary Shelley;
tradução de Christian Schwartz; introdução e notas de
Maurice Hindle; posfácio de Ruy Castro. — 1ª ed. — São
Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: Frankenstein, or, The Modern
Prometheus.

ISBN 978-85-8285-019-0

1. Ficção inglesa 1. Hindle, Maurice. II. Castro, Ruy.
III. Título.

15-04456

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Maurice Hindle	7
Nota ao texto	56
FRANKENSTEIN OU O PROMETEU MODERNO	
Introdução da autora para a edição da série Standard Novels (1831)	65
Prefácio (por P. B. Shelley, 1818)	73
Volume Um	77
Volume Dois	171
Volume Três	245
Posfácio — Ruy Castro	335
Apêndice I — Cotejo entre as versões de 1831 e 1818: trechos selecionados	347
Apêndice II — “Um fragmento” (por Lorde Byron)	359
Apêndice III — “O vampiro: um conto” (por dr. John William Polidori)	367
Notas	397
Cronologia	407
Outras leituras	411

MARY SHELLEY

Frankenstein ou
O Prometeu moderno

Volume Um

Carta I

À sra. Saville, Inglaterra

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17...

Tu te alegrarás em saber que o início de uma empreitada a que dispensaste tantos maus presságios deu-se sem incidentes desastrosos. Cheguei ontem aqui, e minha primeira tarefa é tranquilizar minha querida irmã quanto a meu bem-estar, e dizer que estou cada vez mais confiante no sucesso de meu projeto.

Já me encontro bem ao norte de Londres; e, enquanto caminho pelas ruas de Petersburgo, sinto no rosto a brisa gelada que me revigora a coragem e me enche de prazer. Entendes essa sensação? A brisa, viajando desde as regiões para onde avanço, proporciona-me um aperitivo daqueles ares congelantes. Animado por esses ventos de promessa, meus devaneios tornam-se mais fervorosos e vívidos. Tento em vão convencer-me de que o polo é a morada do gelo e da desolação; ele sempre surge para mim como região da beleza e do deleite. Lá, Margaret, o sol está sempre à vista, disco imenso a apenas tangenciar o horizonte e difundir perpétuo esplendor. Lá — se me permites, minha irmã, dou algum crédito aos viajantes que me precederam — lá, a neve e o gelo foram abolidos; e, navegando mar calmo, podemos flutuar até uma terra que supera em maravilhas e beleza qualquer outra região até hoje conhecida entre as habitáveis no globo. Suas riquezas e características talvez sejam sem par, como sem dúvida são os fenômenos no isolamento virgem dos corpos celestes. O que não es-

perar de uma terra de eterna luz? Talvez eu descubra ali a força admirável que atrai a agulha; e talvez aprimore mil observações celestiais que, em sua aparente excentricidade, demandam apenas essa viagem para se revelarem para sempre consistentes. Saciarei minha ardente curiosidade com a visão de uma parte do mundo nunca antes visitada e poderei abrir caminho por um terreno onde jamais foi impressa a pegada de um homem. São essas as seduições a que me entrego, e elas são suficientes para derrotar todo medo de perigo ou de morte e impelir-me a iniciar essa laboriosa jornada com a alegria que sente uma criança ao entrar num barquinho, nas férias com os amigos, e sair em expedição exploratória do rio de sua cidade. Mas, supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, não podes negar o inestimável favor que presto a toda a raça humana, até a última geração, ao descobrir perto do polo uma passagem àquelas regiões a que só se pode chegar, hoje, com meses de viagem; ou ao desvendar o segredo do magneto, descoberta que, sendo possível, só se realizará por uma empreitada como a minha.

Tais reflexões dissiparam a agitação com a qual comecei esta carta, e sinto meu coração cintilar com um entusiasmo que me eleva aos céus; pois que nada há que contribua mais para acalmar a mente do que um propósito firme — um ponto no qual a alma possa fixar o olho do intelecto. Essa expedição foi meu sonho favorito em meus anos de infância e juventude. Li com paixão todos os relatos das várias viagens empreendidas com o objetivo de chegar ao Pacífico Norte pelos mares que circundam o polo. Deves recordar-te que a biblioteca inteira de nosso querido tio Thomas era dedicada à história de todas as viagens de descobrimento. Tive negligenciada minha educação, mas sempre gostei apaixonadamente de ler. Aqueles volumes eram meu estudo diurno e noturno, e minha familiaridade com eles só fez aumentar o ressentimento que guardei, quando criança, ao saber que um pedido de

meu pai no leito de morte proibia tio Thomas de me permitir abraçar a vida marítima.

Esses sonhos desbotaram quando, pela primeira vez, mergulhei nos poetas cujos derramamentos arrebataram minha alma e a elevaram aos céus. Tornei-me também poeta e, por um ano, vivi num paraíso criado por mim mesmo; imaginei poder encontrar um nicho no templo consagrado aos nomes de Homero e Shakespeare. Conheces bem a história desse meu fracasso e o quanto pesou-me essa decepção. Mas foi exatamente nessa época que herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos tomaram o rumo de sua inclinação primeira.

Seis anos se passaram desde que me lancei à presente empreitada. Sou capaz, ainda agora, de lembrar-me do momento em que me decidi por ela. Comecei por preparar o corpo para a escassez. Acompanhei caçadores de baleias em várias expedições no Mar do Norte; voluntariamente suportei o frio, a fome, a sede e a falta de sono; era frequente trabalhar mais duro que os marinheiros comuns durante o dia e dedicar as noites ao estudo da matemática, da teoria da medicina e daqueles ramos da física dos quais uma aventura naval pudesse extrair maiores vantagens práticas. Por duas vezes, na verdade, cheguei a alistar-me como subalterno num baleeiro da Groenlândia, saindo-me admiravelmente bem. Devo confessar que senti algum orgulho quando o capitão, porque considerara valiosos os meus serviços, ofereceu-me o posto de seu imediato e pediu-me com grande entusiasmo que eu continuasse a bordo.

E então, querida Margaret, não mereço cumprir algum grande propósito? Poderia passar a vida no luxo e na tranquilidade, mas prefiro a glória a qualquer tentação que a riqueza coloque em meu caminho. Ah, se alguma voz incentivadora me respondesse com uma afirmativa! Minha coragem e minha determinação são firmes; minhas esperanças, porém, vacilam, e meu ânimo com frequência se deprime. Estou prestes a empreender uma longa e difícil

jornada, cujos percalços exigirão de mim toda fortaleza: sou chamado não somente a elevar o ânimo de outros, mas a sustentar o meu próprio quando o deles falhar.

Este é o período mais favorável para se viajar na Rússia. Aqui voa-se veloz sobre a neve em cima de trenós; sente-se o prazer do movimento e, na minha opinião, o transporte é muito mais agradável do que numa carruagem inglesa. O frio não é excessivo quando se está envolto em peles — vestimenta à qual já aderi; pois que há uma grande diferença entre circular pelo convés e permanecer sentado, imóvel, durante horas, quando exercício algum é capaz de impedir que o sangue de fato congele nas veias. Não é minha intenção perder a vida numa estrada que serve de corredor postal entre São Petersburgo e Arcangel.

Partirei para esta última cidade em duas ou três semanas; e lá pretendo contratar um navio, o que se pode fazer facilmente pagando ao dono um seguro, e engajar, entre aqueles homens acostumados à caça da baleia, tantos marinheiros quantos eu achar necessários. Não está nos meus planos zarpar antes do mês de junho; quando regressarei? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Se for bem-sucedido, muitos e muitos meses, talvez anos, se passarão até que possamos nos reencontrar. Se fracassar, tu me verás em breve, ou nunca.

Adeus, minha cara e excepcional Margaret. Que os céus derramem suas bênçãos sobre ti e permitam-me poder, uma vez e sempre, dar o testemunho de minha gratidão por todo o teu amor e toda a tua bondade.

De teu afetuoso irmão,

R. WALTON

Carta II

À sra. Saville, Inglaterra.

Arcangel, 28 de março de 17...

Como passa devagar o tempo aqui, enclausurado em gelo e neve como estou! E, no entanto, um segundo passo foi dado na direção de meu objetivo. Contratei um navio e agora me ocupo de arregimentar os marinheiros; aqueles que já consegui engajar parecem homens nos quais posso confiar, e certamente dotados de grande coragem.

Mas há uma falta que ainda não fui capaz de sanar; e trata-se de algo cuja ausência sinto, hoje, como o mais severo dos males. Não tenho um amigo, Margaret: se eu for bem-sucedido e estiver radiante de entusiasmo, não existirá com quem dividir minha alegria; se for assolado pela decepção, ninguém me apoiará na infelicidade. Confiarei meus pensamentos ao papel, é verdade; no entanto esse é um meio falho para a comunicação do sentimento. Almejo a companhia de um homem que pudesse ser solidário comigo; cujo olhar respondesse ao meu. Podes considerar-me um romântico, querida irmã, mas sinto dolorosamente a falta de um amigo. Junto de mim não tenho ninguém que, amável porém corajoso, possua uma mente ao mesmo tempo tão cultivada quanto receptiva, com os mesmos gostos que os meus, ninguém para aprovar meus planos ou fazer-lhes reparos. Quantos erros deste teu pobre irmão um amigo assim não repararia! Sou por demais ávido na ação e impaciente nas dificuldades. Contudo, mal maior para mim ainda é o fato de ser eu um autodidata: pois que,

em meus primeiros catorze anos de vida, andei à solta e li apenas os livros de viagem de nosso tio Thomas. Foi a idade em que conheci os celebrados poetas de nossa pátria; porém, somente quando não estava mais a meu alcance o aprendizado de outras línguas além desta que é a nativa de nosso país, foi que percebi tal necessidade, e não pude mais auferir os benefícios de tal convicção. Agora tenho vinte e oito anos e sou, na verdade, menos letrado do que muitos estudantes de quinze. É verdade que refleti mais e que meus sonhos chegam mais longe em seu esplendor, mas falta-lhes (como dizem os pintores) *perspectiva*;¹ preciso muito de um amigo com sensibilidade bastante para não me desprezar por eu ser romântico e com suficiente afeição para empenhar-se em ajustar minha mente.

Ora, são inúteis tais queixas; certamente não encontrarei um amigo em alto-mar, tampouco aqui, em Arcangel, entre mercadores e marinheiros. No entanto, alguns sentimentos que pouco combinam com o refugio da natureza humana pulsam até mesmo nestes peitos rudes. Meu imediato, por exemplo, é um sujeito de coragem e iniciativa esplêndidas; almeja loucamente a glória: ou melhor, para usar palavras mais adequadas, anseia progredir na profissão. É um inglês que, cercado de preconceitos nacionais e profissionais em estado bruto, porque não se trata de ambiente dos mais cultos, ainda assim conserva algumas das mais nobres qualidades humanas. Conheci-o a bordo de um baleeiro: ao descobrir que estava sem emprego na cidade, não foi difícil engajá-lo para auxiliar minha empreitada.

O contramestre é pessoa de excelente índole, destacando-se no navio por sua tolerância e seu temperamento conciliador no que concerne à disciplina. Esse aspecto, somado ao que bem se conhece sobre sua integridade e destemida coragem, fez-me muito desejar engajá-lo. Uma juventude passada em solidão, sob teus cuidados femininos e gentis, refinou a tal ponto a base de meu caráter que

sou incapaz de superar uma intensa aversão pela brutalidade habitual a bordo de um navio; jamais acreditei que seja necessária e, quando soube de um marinheiro que se distinguia tanto pela cordialidade quanto pelo respeito e pela obediência a ele devotados por sua tripulação, senti-me peculiarmente afortunado por ter a oportunidade de contar com seus serviços. A primeira vez que ouvi falar dele foi em tom de veras romântico, por uma senhora que lhe deve a felicidade na vida. A história desse homem, em suma, é a seguinte. Alguns anos atrás amava uma jovem russa de fortuna razoável; tendo amealhado soma considerável como prêmio pela captura de navios inimigos, conseguiu que o pai da moça concordasse com o casamento. Veria a amada apenas uma vez antes da cerimônia; ela, porém, caiu em prantos e, atirada a seus pés, implorou que a liberasse, confessando amar outro, um rapaz pobre, todavia, a quem seu pai jamais consentiria que se unisse. Meu generoso amigo confortou a jovem suplicante e, ao ser informado do nome do amado, no mesmo instante abandonou a disputa. Com o dinheiro que ganhara, já havia comprado uma fazenda na qual planejava passar o resto de seus dias; mas doou a propriedade ao rival, juntamente com o que havia sobrado do dinheiro, para que o outro pudesse comprar animais de criação, e em seguida foi ele próprio pedir ao pai da moça que aceitasse o casamento dela com o amado. O velho, entretanto, recusou-se, decidido, por considerar que tinha uma dívida de honra com meu amigo, o qual, ao perceber que o pai da moça estava irredutível, deixou o país e não regressou até saber que sua ex-noiva se casara de acordo com a própria vontade. “Que sujeito digno!”, tu excluirás. E assim ele é; e também um sujeito totalmente inculto: calado como um turco, demonstra uma espécie de displicência ignorante que, se torna sua conduta ainda mais surpreendente, diminui o interesse e a simpatia que porventura pudesse atrair.

Mas não suponhas, porque me queixo um pouco, ou porque ponho-me a conceber para minhas agruras algum consolo que talvez jamais venha a encontrar, que vacilo em meus propósitos. Eles são tão certos quanto o destino, e minha viagem só está atrasada, no momento, porque à espera de que o clima permita o embarque. O inverno foi terrivelmente rigoroso, mas a primavera traz boas promessas, além de sua chegada estar sendo considerada notavelmente precoce; de modo que, quem sabe, eu não possa navegar antes do esperado? Nada farei de forma irrefletida: tu me conheces o suficiente para confiar em minha prudência e em minha sensatez sempre que me encontro responsável pela segurança de outros.

Não consigo descrever-te o que sinto diante da possibilidade já tão próxima de minha empreitada. Impossível comunicar-te alguma noção dessa sensação trêmula, um tanto prazerosa, um tanto atemorizada, sob a qual apresto-me a lançar-me a caminho. Sigo para regiões inexploradas, para a “terra da névoa e da neve”;² mas não matarei nenhum albatroz, portanto não te inquietes por minha segurança ou porque possa regressar a ti esgotado e em estado deplorável, como o Velho Marinheiro. Vais sorrir dessa minha alusão, mas revelo um segredo. Com frequência atribuo meu apego aos perigosos mistérios do oceano, meu apaixonado entusiasmo por eles, a essa obra do mais imaginativo dos poetas modernos. Alguma coisa que não entendo opera em minha alma. Sou, na prática, muito diligente — um sujeito esmerado, um operário que trabalha com perseverança e empenho; mas, ao lado disso, há em mim um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso que, permeando todos os meus projetos, faz-me sem demora desviar de qualquer caminho convencional, a ponto de ir em busca do mar bravio e das regiões desconhecidas que estou prestes a explorar.

Volto, porém, a considerações mais importantes. Chegarei a ver-te outra vez depois de cruzar mares imensos

e contornar de volta o cabo mais ao sul da África ou da América? Não ousou esperar ser tão bem-sucedido, embora não suporte contemplar o cenário inverso. Continua, por ora, a escrever-me sempre que tiveres oportunidade: posso vir a receber tuas cartas nas ocasiões em que eu mais esteja precisando de apoio para elevar meu moral. Te amo muito ternamente. Lembra de mim com carinho, caso nunca mais saibas notícias minhas.

De teu afetuoso irmão,

ROBERT WALTON